

# O Problema da Origem e Estrutura do Trabalho

## Introdução

À maioria dos interessados na história e evolução do **Trabalho**, geralmente são apresentados os conceitos e propostas que estão centralizadas nas idéias e técnicas que Gurdjieff desenvolveu ao longo da primeira metade do século 20, naquilo que se tornou conhecido como **Trabalho, 4º. Caminho**, ou **Sistema**, e também como **O Caminho do Homem Esperto**. Embora seja perfeitamente aceitável e correto que o modelo introduzido e desenvolvido por Gurdjieff situe-se dentro do ambiente do Trabalho, ainda assim, não pode ser com ele totalmente confundido, pois um estudo mais aprofundado das idéias do Sistema, associado com as informações fornecidas pelo próprio Gurdjieff parece indicar que o modelo por ele desenvolvido tem origens muito mais antigas e relações mais complexas do que podemos reconhecer inicialmente.

Se partirmos da premissa que o **Trabalho** é um processo prático de desenvolvimento das potencialidades do ser humano que busca com que ele faça um diagnóstico da sua situação atual, verifique as suas potencialidades de desenvolvimento em todos os seus níveis (físico, emocional, intelectual, consciência, etc.) e possa dispor de ferramentas e instrumentos teóricos que permitam com que ele consiga realizar essa proposta de modo prático enquanto ainda ele está vivendo nesta realidade, então podemos dizer que o modelo gurdjieffiano cumpre com todas essas condições e é por isso que ele se situa como única opção viável para que o homem moderno possa realmente vir a se desenvolver integralmente. Nesse aspecto, a idéia de que o **Trabalho = 4º Caminho** se justificaria.

Entretanto, podemos identificar, ao longo da trajetória da busca humana pelo aperfeiçoamento, uma série de propostas que compartilharam dos mesmos propósitos acima expostos e que, embora não fossem 'gurdjieffianas' na sua origem, poderiam igualmente ser consideradas como participantes de um processo mais amplo, que visa justamente à perfeição humana, que poderia ser chamado de **Trabalho**. Dentro desse contexto maior, o **4º. Caminho** seria uma das propostas a ele ligadas e, repetindo, na perspectiva atual, a única verdadeiramente viável ao ser humano moderno.

No presente artigo, iremos tentar focalizar e localizar o **4º Caminho** dentro desse contexto maior e, assim fazendo, utilizar as informações disponíveis para mapear um pouco melhor esse campo altamente controverso e bastante difícil de ser estudado, visto a carência de informações e mesmo, as posturas de indivíduos e grupos que se sentem ameaçados quando este assunto é apresentado.

Desta maneira, queremos enfatizar que a partir de agora, as referências que forem feitas ao **Trabalho** referem-se à *dimensão gurdjieffiana*, embora as implicações com as perspectivas maiores não sejam deixadas de lado.

Cumprer notor que a quase totalidade das informações que serão aqui apresentadas é de caráter anedotal, geralmente obtidas a partir de informação verbal, pois existe muito pouco material publicado sobre o assunto.

## Origem do Trabalho

Para dar seguimento à discussão, iremos partir de duas perspectivas complementares, a primeira, de caráter mítico, que irá tentar estudar o Trabalho dentro do contexto histórico das escolas de mistério e linhas esotéricas, como iremos ver a seguir e a segunda perspectiva, que irá se valer de alguns dados da antropologia e da psicologia da consciência para definir a possibilidade, senão a necessidade da existência de uma proposta de desenvolvimento do ser humano.

Em **Relatos de Belzebu a Seu Neto**, Gurdjieff descreve a migração de um grupo de seres humanos altamente evoluídos depois da catástrofe que ocorreu com Atlântida, sendo que alguns deles irão se fixar na Babilônica e ali gerar uma espécie de sociedade secreta ou agrupamento de indivíduos que estariam devotados à busca e disseminação do conhecimento objetivo. A essa proposta, Gurdjieff chamou de *legominismo*. Embora esse termo possa ser aplicado e traduzido de diversas maneiras ao longo do pensamento gurdjieffiano, considerando a tendência que ele tinha de gerar neologismos, atualmente uma das maneiras de interpretar o termo seria:

*‘Meu querido e amado Avô, conte-me, por favor, que significa a palavra Legominismo?’ , perguntou Hasein.*

*‘Essa palavra, Legominismo, ’ respondeu Belzebu, ‘é dada para uma das maneiras ali existentes, para a transmissão, de geração para geração, de informações sobre eventos de eras longínquas, para justamente aqueles seres tri-centrados, que são considerados dignos de ser e que são chamados de iniciados’.*

*(De Relatos de Belzebu a seu Neto, p.349).*

Em outros contextos, Gurdjieff indica que o *legominismo* representava uma forma de registrar e transmitir um determinado tipo de conhecimento a partir de rituais, danças, sagradas, movimentos, impregnação de objetos ritualísticos, etc., isso tudo, logicamente, feito por indivíduos altamente desenvolvidos e capazes.

De qualquer modo, o que podemos deduzir disso é que ele parece indicar a existência de indivíduos que estão misturados com a humanidade em geral, que se agrupam de forma especial e que são dotados de capacidades, conhecimentos e potencialidades que os situam acima das de um homem ordinário e que buscam,

através de suas ações, promover o desenvolvimento daqueles seres humanos que são dignos de receberem o treinamento e alcançarem essas dimensões superiores.

O que chama a atenção aqui, é a palavra '*digno*', pois ela implica que não existe apenas uma determinação acidental ou genética, mas que o indivíduo pode vir a se tornar *digno* desse tipo de merecimento, portanto, isso envolve algum tipo de esforço e ajuda. Aqui temos o primórdio do **Trabalho**.

Ao escrever sobre um grupo de indivíduos que acaba se localizando dentro de um contexto social maior e, dotado de determinados conhecimentos e capacidades, ele poderá atuar e interferir no desenvolvimento daquele grupo social, **Gurdjieff** acaba se localizando dentro do grande campo dos mitos da '*era dourada*', ou seja, o conjunto de mitos que falam de uma época remota onde o ser humano vivia uma vida esplendorosa, isenta de preocupações e responsabilidades, em contato com os deuses ou seres transcendentais, num estado de realização plena do seu Ser. Num determinado momento, por uma razão ou outra, ocorre a '*queda*' ou a '*expulsão*' deste local maravilhoso e agora, a humanidade mantém o desejo secreto de retornar para aquele local de maravilhas, o que seria feito apenas através da *superação* daquilo que foi a causa da *expulsão* (a *redenção*) e, ao mesmo, tornando-se novamente *digna* desse *retorno* (transformação do ser). O exemplo mais próximo que temos é o conceito do **Éden** ou do **Paraíso** e o conceito do *pecado original*, assim como do papel de **Cristo** como **Redentor**.

Entretanto, além dos mitos da era dourada da humanidade, a descrição de **Gurdjieff** também se encaixa em outra categoria de mitos, que é dos agrupamentos secretos de seres detentores de algum tipo de conhecimento e que possuem algum tipo de intencionalidade frente ao grosso da humanidade, o que acaba conduzindo á teorias conspiracionais.

Dentro desse raciocínio, ele se alinha a vertente das escolas detentoras de conhecimentos especiais que não estão disponíveis para a maioria dos seres humanos, senão para alguns mercedores ou dignos de possuí-los. Podemos identificar isso, com a informação que **Platão**, **Pitágoras**, por exemplo, fundaram escolas cujo conhecimento era secreto ou iniciático, igualmente podemos reconhecer isso com **Moisés**, dentro da trajetória do povo judeu, unindo duas vertentes de *conhecimento esotérico*, uma que ele derivou do **Egito** e outra, oriunda da **Babilônia** quando do seu exílio no **Sinai**, como pastor de **Jetro**. Posteriormente esse conhecimento viria a se consolidar na **Cabala Judaica**, conhecimento essencialmente *esotérico* e reservado apenas para alguns *dignos*. Dentro do **Islão**, existem referências que o **Profeta** entrava em contato ocasional com um grupo de indivíduos misteriosos (*o povo do banco*) ou com indivíduos que possivelmente o teriam instruído numa série de conhecimentos de alta ordem, que acabaram resultando nas '*letras misteriosas*' que inicial determinadas *suratas corânicas*.

No **Hinduísmo**, encontramos referências de grupos e associações de indivíduos dotados de um conhecimento altamente secreto e que formavam diretórios capazes de atuar e gerenciar os destinos da humanidade, sendo que o seu desenvolvimento

mais atual pode ser encontrado na **Teosofia** fundada por **Blavatsky**. No **Budismo**, principalmente na *vertente tibetana*, podemos encontrar o mesmo conceito agora desenvolvido na forma de cidades inteiras que são ocultas aos homens ordinários e que lutam pela predominância através de métodos espirituais ou mágicos: **Shambala** e **Agarta**.

No Ocidente, encontramos igualmente ecos desse tipo de pensamento com os mitos da **Sociedade Rosa-cruz** e seus desenvolvimentos ao longo do tempo até os dias atuais, igualmente com a **Franco-Maçonaria** e uma grande variedades de grupos e *fraternidades* que existe na atualidade.

Para poder designar esse tipo de movimentos, cuja proposta grosso modo visa promover o desenvolvimento humano e o aperfeiçoamento da sociedade humana, na busca de uma **Verdade** de cunho universal, se dá o nome de **Filosofia Perene**, um conceito que existe desde a **Renascença**, mas que se tornou mais conhecida a partir de **Aldous Huxley**, **Fritjof Schuon**, **Guenon**, **Titus Burckhardt** e **Ananda Coomaraswamy**, entre outros.

Resumidamente, o conceito de **Trabalho**, seja considerado na sua forma mais ampla e aberta, seja na sua formulação como **4º. Caminho** representa um esforço que visa retirar o ser humano da sua condição atual e conduzi-lo para a realização dos seus potenciais de desenvolvimento físico, espiritual, divino, etc. Ele existe permeando a história da humanidade e parece representar um desejo atávico de retorno ao **Paraíso**, a condições menos adversas e, ao mesmo tempo, indica um sentimento de incompletude que cada ser humano percebe em si mesmo, que o conduz à busca pela sua perfeição.

Se, agora nos voltarmos a algumas evidências que a Antropologia nos coloca à disposição, poderemos talvez compreender o processo da origem do **Trabalho** a partir de uma outra perspectiva.

Atualmente se reconhece que a humanidade surgiu a partir de uma mutação de um determinado tipo específico de *hominídeo*, (seres que não eram macacos, mas que ainda não poderiam ser denominados de seres humanos). Atualmente se reconhece algumas linhagens desses seres que de certo modo representavam tentativas evolucionárias de chegar a uma forma mais avançada de inteligência, por exemplo, o *Homo Faber*, o *Homo Habilis*, entre outros.

O que chama a atenção, nos estudos realizados em fósseis do *Homo Sapiens*, é que num período histórico relativamente curto, e estranhamente próximo de nós, a cerca de 40.000 anos ocorreu uma mutação crucial. O conteúdo do cérebro dos indivíduo dessa época, que se situava ao redor de um volume de 750ml., cerca de  $\frac{3}{4}$  de litros, mudou rapidamente para o dobro desse volume, para cerca de 1,5 litros. Essa mutação, provavelmente não ocorreu apenas na dimensão física, mas possivelmente na organização e surgimento de um novo nível de inteligência, capacidades e potencialidades que, de início devem ter acontecido de forma desordenada, o que fazia com que esses indivíduos dotados de uma maior

capacidade cerebral apresentassem capacidades e competências que os tornavam distintos do restante do grupo onde eles apareceram. Isto os colocava num papel de fragilidade e, possivelmente muito vieram mesmo a ser eliminados por não serem considerados normais. Com a passagem do tempo, é possível que as mutações mais grotescas e gritantes tenham sido eliminadas do pool genético (talvez possamos encontrar um eco deste processo nos relatos bíblicos da presença de ‘monstros’ sobre a terra, e os relatos sumérios da presença de semideuses, etc.).

Seria muito lógico que estes seres mais desenvolvidos apresentassem uma maior inteligência e capacidade de lidar com as coisas da realidade e, com o tempo, viessem a constituir um grupo que, embora se situasse discretamente à parte do meio social maior, ainda assim buscasse se preservar e manter o conhecimento adquirido. Assim, teríamos os primórdios do **Trabalho**, que iria se desenvolver à medida que processos de atração e desenvolvimento de capacidades daqueles que ainda não houvessem alcançado o desenvolvimento pleno das suas potencialidades fossem obtendo sucesso, engrossando assim o número destes indivíduos.

Possivelmente, estes grupos devem ter tentado se infiltrar nas várias camadas sociais seja dos políticos, religiosos, artistas, inventores, místicos, com maior ou menor sucesso, e com isso surge a primeira diferenciação destes grupos em: *escolas intervencionistas* (aquelas que tentam atuar diretamente numa situação no sentido de modificá-las), *colaboracionistas* (que tentam se incorporar aos poderes vigentes e através deles modificar a situação) e *conservadoras* (que se isolam do processo para manter vivo o conhecimento, aprimorá-lo e vir a disponibilizá-lo no futuro). Este processo ocorre até os dias de hoje, com maior ou menor visibilidade.

É estranho notar um detalhe: essa data de 40.000 anos de um possível desenvolvimento brusco da capacidade cerebral do ser humano é igualmente referida por Gurdjieff como sendo o período da criação das primeiras associações de seres dotados de uma maior consciência. Coincidência, conhecimento objetivo? Não podemos afirmar nada sobre isso.

Embora o que foi colocado acima seja de caráter altamente especulativo e pode ser questionado por diferentes linhas de interpretação, podemos dizer que não existe ainda um consenso sobre os fatos expostos acima dentro da própria Antropologia, mas ainda assim, eles parecem confluir estranhamente com a vertente mítica no sentido de nos fornecer, pelo menos, uma teoria ou uma idéia de como o surgimento do **Trabalho** poderia ser considerado. Somente o futuro irá confirmar ou descartar essa hipótese.

## **A Estrutura do Trabalho**

Como foi vista acima, em muitos casos, o Trabalho, na sua dimensão mais ampla surgiu ao redor de uma determinada figura que se tornou o fundador e o estruturador do processo que a ele está ligado. **Platão**, **Pitágoras**, até mesmo **Cristo**, ao

estar ligado à **Igreja de Jerusalém**, onde seriam estudados e aplicados os ensinamentos ocultos e esotéricos que ele teria passado para alguns discípulos, o mesmo acontecendo com a linhagem **Cabalística** que definiu várias escolas que se centralizavam ao redor dos ensinamentos e trabalho de um rabino importante, com o **Sufismo** dentro do **Islão**, com o conceito de **Qtubs** ou *pólos*, a estrutura do **Trabalho** de desenvolvimento do ser humano costumeiramente girava ao redor de um agrupamento de pessoas que, por sua vez, reconheciam a importância espiritual e liderança de um mestre ou guia. Segundo os relatos de **Gurdjieff**, parece ser esta precisamente a estrutura da **Escola de Sarmoung** com que ele entrou em contato no final da sua busca espiritual.

Normalmente esse tipo de organização é conhecido como '*linhagem espiritual*' e geralmente se situa dentro de um ambiente religioso ou filosófico, embora certas linhas de pensamento científico possam ser reconhecidas como linhagens, igualmente.

A maneira que **Gurdjieff** organizou a **Prieurè** reflete este modo centralizador de organização, que rapidamente conduz a um culto à personalidade e a uma série de problemas que estão associados à substituição dos motivos originais de aperfeiçoamento do indivíduo pela prática e esforços conscientemente direcionados, sob orientação, para uma atitude passiva de credulidade e conformismo, ao longo do tempo. Da mesma forma, existe o risco implícito de que, quando o mestre ou guia desaparece ou não deixa um sucessor competente, estas estruturas venham a degenerar rapidamente, ficarem estagnadas num processo de cristalização ou simplesmente desaparecem, deixando uma série de indivíduos confusos. Esta parece ter sido a sina do processo desencadeado por **Gurdjieff**, que sabiamente o havia previsto e, ao que parece, tomou providências para que isto pudesse ser sanado numa época futura.

O **Trabalho** na atualidade, no Ocidente, está organizado sob duas formas principais: grupos da linhagem gurdjieffiana, que buscam preservar e aplicar os preceitos estabelecidos por ele de forma precisa e cuidadosa, embora isso pareça conduzir a longo prazo a um beco sem saída: salvo maiores informações, não havia um desenvolvimento possível da proposta gurdjieffiana além daquela que ele mesmo havia transmitido aos seus companheiros e discípulos.

Paralelamente a isso, existem grupos independentes, que não estão sob a égide do trabalho gurdjieffiano, mas que buscam, através de uma pesquisa e experiências, aliadas com conhecimentos que estão sendo gradativamente disponibilizados, completar, reforçar e desenvolver o corpo de conhecimentos do **4º Caminho** visto o seu papel crucial para o homem moderno, quando as estruturas formais, religiosas, filosóficas e espirituais parecem estar ruindo sob o impacto de uma realidade materialística e ego-centrada. Esses grupos, por sua vez, mantêm um contato com as fontes do Trabalho através de indivíduos que funcionam como pontes e efetuam as transferências de conhecimentos e práticas de acordo com o grau de desenvolvimento de cada grupo. Esses indivíduos atuam como agentes

disseminadores e, ao mesmo tempo, avaliadores do processo grupal, de forma a estimular, corrigir e mesmo, solicitar o seu desaparecimento, caso o grupo tenha de desviado excessivamente dos seus objetivos. São eles que mantêm a estrutura do **Trabalho** funcionando no momento atual, visto que contatos entre os diferentes (e raros) grupos de trabalho é desaconselhado, devido às naturezas diversas de seus trabalhos, o que poderia contaminar ou prejudicar o seu desenvolvimento. Reconhece-se a existência de pequenos grupos (ao redor de 6 a 8 participantes) na **Alemanha, Itália, México, Brasil, Argentina, Austrália e Japão**, cada um desenvolvendo atividades e pesquisas independentes e individuais. Dentro do ambiente islâmico, reconhece-se a existência de um grupo na **Argélia**, outro no **Egito** e mais outro na **Índia**, estes com características nitidamente religiosas. Finalmente, no **México**, podemos citar um grupo que não está acessível aos demais, porque desenvolve um trabalho direcionado especificamente para a tradição e população indígenas, numa proposta altamente inovadora.

Torna-se aqui necessário definir uma característica diferenciadora desses grupos do **Trabalho** com respeito as demais propostas que visam obter os mesmos resultados do aperfeiçoamento humano, mas a partir de pressupostos diferentes.

Enquanto que no **Trabalho**, o ser humano é visto como um indivíduo dotado de uma potencialidade de vir a se desenvolver plenamente, seja em termos da sua própria capacidade de consciência e de realização do seu ser, embora isso somente poderá se feito a partir dos esforços que ele vier a realizar de forma eficiente e durável sob a orientação de algum tipo de organização que o oriente e o avalie, ainda assim, tal processo é feito em termos de uma transformação do Ser, ou seja, ele deverá se tornar em algo maior e melhor do que ele já é, ou imagina ser. A sua única certeza frente ao processo como um todo são os resultados que ele obteve ao longo do tempo, as constatações que ele conseguiu observar no seu processo de transformação e a permanência dessas transformações, que o conduzem a um estado de maior conhecimento de si e de um reconhecimento de que ele está melhor e mais completo. Nenhum agente externo a ele será capaz de lhe garantir o sucesso nesta proposta. Apenas os fatos concretos e consistentes podem confirmar o sucesso no Trabalho.

Nas outras propostas que não do **Trabalho**, o indivíduo entra em contato com um corpo de conhecimentos que irá ser incorporado na sua estrutura de personalidade ou de ego, mais como um aperfeiçoamento daquilo que já existe e não como uma real transformação e superação do estado atual do interessado. Isto acaba gerando o risco de uma apropriação parcial ou fantasiosa dos conteúdos, mas ainda assim, falsa, que se não for corrigida, como normalmente não é, mas até mesmo é estimulada, acaba deformando a estrutura do ser e mesmo, impedindo com que ele seja capaz de um real desenvolvimento no futuro.

## Conclusão

Visto o que foi colocado acima neste breve, limitado e altamente especulativo esboço sobre a origem e estrutura do Trabalho, fica claro que o assunto é altamente complexo e de grandes implicações para aquele que está genuinamente interessado em sua busca de aperfeiçoamento pessoal. Diferentes formulações e propostas de autodesenvolvimento, auto-ajuda, desenvolvimento espiritual e/ou místico estão à disposição dos interessados, como nunca antes na história da humanidade, com as facilidades que os meios de comunicação, por exemplo, a Internet disponibiliza dentro das nossas casas. Se isto, de princípio pode parecer uma facilidade ou bênção para o buscador honesto e diligente, a médio e longo prazo ela se configura uma verdadeira maldição, pois a existência de uma quantidade quase ilimitada de propostas, opiniões, discussões, material disponibilizado acaba gerando uma confusão generalizada, que acaba reforçando uma tendência de superficialização dos esforços e propostas e, ao mesmo tempo, criando uma atitude do tipo 'supermercado metafísico', onde o interessado pode criar a sua própria cesta de opções, juntando elementos de acordo com os seus gostos e caprichos, mas não necessariamente os que realmente necessitaria para o seu real desenvolvimento. Aquilo que acaba sendo reforçado e acaba ganhando preponderância é o processo mecânico, passivo, opinativo e não-questionável da personalidade, quando a proposta do Trabalho busca justamente superar e transcender essa dimensão.

INK/cg

Setembro 2008